

# ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Entrevistado por Maria Augusta Silva

[EXCERTOS DA ENTREVISTA EM MODO ÁUDIO]

Escreve à mão. Toca as palavras com exigência, amor e pudor. Nasceu em Benfica de uma Lisboa antiga. Uma obra literária começada por *Memória de Elefante*. Mais de duas dezenas de títulos traduzidos e lidos em todo o mundo. Assina crónicas em jornais e revistas. Um género diferente mas não menor. Prémios de prestígio. O seu olhar azul com uma certeza: «Camões, a grande referência. Criou o português moderno.» Não hesita: «Portugal tem melhores poetas do que romancistas.» Da Faculdade recorda mestres excepcionais como Celestino da Costa, Cid dos Santos, Juvenal Esteves. Psiquiatra por uma questão de tempo, gostou sempre mais de cirurgia «porque se pode ser imediatamente útil».

## **A memória atravessa toda a sua obra. Será o soro da vida ou tem um prognóstico reservado?**

Não existe imaginação sem memória. A imaginação não será mais do que a forma como utilizamos a memória. Provavelmente, até o futuro é feito de memória. Porque a memória permite organizar a imaginação de maneira a viver não apenas no passado mas também no presente e no futuro.

## **A técnica narrativa de cruzar os tempos, como acontece com Maria Clara, personagem única do seu romance *Não Entres Tão Depressa Nessa Noite Escura*, significa que todos somos muitos tempos num só tempo?**

Acontece assim com todos nós. O que o tempo põe nos livros acaba por ser o problema da vida. Esse de vivermos ao mesmo tempo em vários tempos. A questão é como estruturar isso na escrita.

## **Nos seus primeiros romances há o fio narrativo tradicional...**

E continua a existir de uma outra forma. Faz-se de associações não imediatamente óbvias mas com uma lógica interna, que é a lógica das emoções.

## **Como se organizam os fragmentos das emoções?**

Há que estruturar e vertebrar esses fragmentos para que o leitor se não perca. Desejaria que os livros não fossem apenas lidos mas sim vividos pelo leitor, introduzindo-lhe a sua própria história. Tornar o leitor cúmplice.

## **Quando mete nas palavras as emoções, a carne, o sangue, o amor, o ódio, procura humanizar a escrita sem ceder à lamechice?**

Não tenho nada a acrescentar ao que diz. Dá-se esta coisa paradoxal: escrevemos os livros que gostaríamos de ler mas acabamos por não os ler. De tal forma a escrita nos ocupa que não se consegue ter o prazer e a perspectiva do leitor. O escritor tem a angústia e a dúvida da construção do livro. As páginas do manuscrito deste meu livro estão cheias de comentários aflitos e zangados: isto não presta, não presta, não presta..., não sou capaz...

### **O respeito pelo leitor vive nessa inquietação?**

Com o tempo aprende-se a ser humilde. Deixou de haver em mim uma ponta de vaidade. Sabemos muito pouco de literatura e reconhecer isto torna-nos muito mais humildes. A única grandeza que poderá existir em nós é a de sermos iguais aos outros. Estar não acima dos homens mas entre eles. Percebi isso tarde. Além disso, diante da morte, nada tem importância.

### **A partir de que momento sentiu essa humildade?**

Quando o sucesso começou a ser universal. Deu-se o pânico total. Mas sobretudo porque tento não desiludir as três ou quatro pessoas que acreditaram em mim quando ninguém acreditava, nem eu mesmo. Uma delas foi o meu agente (Tom), que, desde o início, teve em mim uma fé que eu nunca tive e continuo a não ter. Está em Nova Iorque, mas falamo-nos todas as semanas.

### **Que dizem um ao outro?**

Eu digo-lhe: *Olhe, estou a escrever*. Ele pergunta: *Que tal?* E eu respondo: *Está uma merda*. Ele diz: *Bom sinal*. Fica todo consolado porque tem imenso medo de me ouvir dizer que não está uma merda. A verdade é que ele apanha o livro acabado e quem anda à volta com as palavras sou eu.

## **Com o humor subtil que convoca para a escrita tenta suster a violência de algumas emoções?**

Cada emoção traz em si o seu contrário, o que também nos ensina a relativizar a vida e sobretudo o trabalho, porque desaparecem os sonhos de glória que se têm aos dezoito anos. Em face das grandes coisas da vida há muito pouca coisa importante e o sucesso não é certamente uma delas. Se pudesse voltar atrás teria vivido mais e escrito menos.

## **Sente-se hoje incomodado pelo êxito da sua obra literária?**

É muito agradável. Miguel Torga dizia: *Dai-nos Senhor um pouco de sucesso em vida*. Pode substituir o amor que achamos não ter. E o achar que não se tem às vezes é injusto. Podemos tê-lo ao nosso lado e não o saber olhar.

## **É-lhe difícil descobrir o amor?**

Julgo ter sido o Avelaria que contou num livro dele a história de um homem que diz para o outro: *Descobri que a minha mulher deixou de gostar de mim quando não veio mais despedir-se à escada*. E o outro pergunta-lhe: *Não terás sido tu que te esqueceste de olhar para trás?* Muitas vezes esquecemo-nos de olhar para trás e ver o sorriso que ficou ao cimo dos degraus. Vamos embora sem levar esse sorriso e o pobre sorriso fica abandonado e murcha.

## **A solidão atormenta-o?**

Gosto imenso de estar sozinho. Divirto-me comigo.

## **Que gozo é esse?**

Um gozo inesperado; rimo-nos os dois. A surdez isola-me um pouco, mas rimo-nos.

### **O isolamento pode ser o espaço do grande encontro?**

Sempre fui uma pessoa isolada e muito pouco sociável. Não gosto das coisas mundanas.

### **Que relação tem com o poder?**

Nenhuma. Nunca tive nenhum poder nem queria. Quem escreve deve ser antipoder, porque se escreve igualmente por indignação. De uma maneira geral, os políticos repugnam-me. Só desejo que os filhos deles não saiam também políticos.

### **Um escritor tem uma idade para começar e para acabar?**

Comecei um pouco tarde. Não acredito em grandes romances escritos depois dos 65 anos. Luta-se muito para se ganhar uma voz pessoal e depois não é possível libertarmo-nos dela. Terei à minha frente mais uns dez anos de escrita, se os viver. A partir daí, começarei a repetir-me, o que não será muito grave para mim mas de certeza é aborrecido para os leitores.

### **Já não quer deixar Portugal?**

Há dias. Mas não me vejo a viver noutra sítio. Quanto mais viajo maior é a vontade do regresso. Portugal é o meu corpo. Tenho saudades da língua. Nesse sentido, a Europa é uma abstração.

### **Tem muitos leitores em toda Europa. É-lhe indiferente?**

Os leitores, não. Mas chega-me a parecer estranho tantas traduções, agora até na Coreia. Espanta-me o crescendo de leitores um pouco por todo o mundo. Nunca pensei que as coisas acontecessem assim.

### **Teme o desmoronamento?**

Não sei até que ponto um sucesso não será sempre um fracasso adiado. Um desmoronamento acho pouco provável. Às vezes

pergunto-me: se o que faço está à frente do meu tempo não deveria haver hoje este sucesso crescente. Mas não posso negar que é agradável ver o meu trabalho publicado em tantas línguas, receber tantas cartas de países tão diferentes. Sou sempre muito bem recebido no estrangeiro.

### **Molière dizia que o amor-próprio é o único que fica...**

Quando fica.

### **O amor-próprio perdura em si?**

Por vezes tem-se a sensação de se estar por dentro cheio de cães que se devoram uns aos outros. Talvez seja essa guerra dos dias e dos sentimentos que nos permite continuar a viver e a escrever.

### **Em termos bíblicos, o mundo criado em sete dias, o que, aliás, está presente num dos seus livros. Tudo se completa no sétimo dia ou tudo fica em aberto?**

Um dia, quando trabalhava no Miguel Bombarda, aproximou-se de mim um internado com um ar misterioso a dizer que ia fazer-me uma grande revelação: *Sabe, o mundo começou a ser feito por detrás*. Foi a melhor lição de literatura que tive na vida. Os livros têm de trabalhar-se por detrás.

### **Que é a loucura?**

Leva-nos sempre à pergunta fundamental: que é a vida? Toda a nossa vida se faz de perguntas. As perguntas são muito mais importantes do que as respostas. Cada livro é uma pergunta.

### **O seu romance *Exortação aos Crocodilos* vive de quatro personagens femininas. Em *Não Entres Tão Depressa Nessa Noite Escura* trabalha só com uma. Desafio ainda maior?**

Julgo que sim. Interrogava-me: como vou meter o mundo inteiro numa só voz e numa miúda que nada sabe da vida, nem da morte, nem do sexo, virgem de tudo?

### **Terá sido o melhor ponto de partida para agarrar o leitor?**

Não sei. Mas a miúda (a personagem Maria Clara) deu-me muitas surpresas. Eu não sabia que ela era mais velha e casada.

### **Nem ela sabe se foi tudo isso. Mesmo no final do livro subsiste a interrogação: «Quem sou?»**

A sensação com que fiquei no fim do livro foi a de que ela já era mulher, casada e tinha um filho. Uma das leituras possíveis e é a minha. Enquanto trabalhava o livro às vezes tinha a impressão de viver dentro de um sonho.

### **A memória também é fantasia?**

Tenho refletido: quando sonhamos parece que estamos a entender o segredo da vida. Ainda a dormir pensamos: quero acordar para registar isto. Mas à medida que chegamos à superfície as coisas fogem. Apesar de tudo, como escrever num estado próximo do sonho? Há uma determinada zona entre o dormir e o acordar em que tudo se torna muito claro. No filme *Oito e Meio*, de Fellini, percebe-se melhor esta situação.

### **As horas mais despertas não são as mais produtivas?**

Descobri que as primeiras duas ou quatro horas de trabalho são perdidas por estar muito desperto. Quando começo a ficar cansado de andar à procura das palavras, o próprio cansaço diminuiu a censura e as coisas saem de nós com menos dificuldade.

### **A escrita no feminino dá mais vazão à sua sensibilidade?**

É sobretudo o desafio de escrever sobre o que não conheço. Sabemos muito pouco das mulheres.

### **E as mulheres sabem muito pouco dos homens...**

Sempre me senti mais entendido pelas mulheres. De uma maneira geral, são mais generosas.

### **Há mulheres maquiavélicas...**

Até agora nunca encontrei nenhuma. Cresci num universo masculino com irmãos e andei em escolas oficiais onde o ensino não era misto. A minha timidez impedia-me de me aproximar das raparigas. Só mais tarde. Mas sabemos pouco das mulheres.

### **A proximidade da morte na guerra e enquanto médico levaram-no a desafiar mais o sonho?**

Talvez o problema principal não seja a morte mas sim a vida.

### **As perdas sofrem-se em vida...**

Chega-se a um momento da vida em que temos no sangue quase mais mortes do que glóbulos. Como preservar a alegria e a inocência no meio disto? Por vezes, penso que os meus mortos estão vivos comigo e continuo a falar com eles. Mas a injustiça do sofrimento continua a chocar-me.

### **Sente-se mais força quando falamos com os nossos mortos?**

Talvez, porque estamos também a viver por eles e não temos o direito de os tornar infelizes. O meu avô morreu em 1960 e não se passa um dia que não me lembre dele. Cada vida é irrepetível.

### **Recorda-se só desse avô?**

O meu avô materno morreu tinha eu doze anos. A surdez tornava-o aparentemente distante. Vivia numa cápsula de silêncio ou assim o viam os olhos da criança que eu era.

**Os avós são recorrentes nos seus romances, o que não significa uma escrita autobiográfica...**

Os livros são sempre autobiográficos. Tive muita sorte com a minha família, somos seis irmãos, respeitamo-nos e admiramo-nos muito. Recordo dois avós excepcionais: o pai do meu pai e a mãe da minha mãe.

**Os irmãos Lobo Antunes não comunicam muito...**

Há um grande pudor, mas penso que o amor também inclui isso. Quando gosto das pessoas tenho sempre muito pudor na relação pessoal. Nunca faço perguntas, as pessoas têm o direito de preservar a sua intimidade. Não pergunto nada às minhas filhas. Se quiserem, falam e eu ouço-as.

**Enquanto psiquiatra como geriu essa maneira de ser e a necessidade de lidar com doentes que precisam de abrir a sua privacidade?**

Com grande respeito pelo sofrimento. O sofrimento moral poderá ser mais intenso do que o físico. Lembra-me de um miúdo que desejava ter uma forte dor de dentes em lugar da depressão. O sofrimento psíquico atinge o corpo todo, tal como o amor pode causar uma dor insuportável.

**As marcas da guerra em África que estão nos seus primeiros livros e tocam outras obras suas ainda são marcas?**

Muitos ainda sofrem esse trauma. É raríssimo sonhar com a guerra e espanta-me não sentir nenhuma culpabilidade.

### **A mea culpa caberia ao regime...**

Nessa altura não se nos punham grandes considerações sobre isso. A preocupação era a de sobreviver. Lembro-me de ter quatro calendários e todos os dias fazia uma cruz no dia que passava. Escrevia todos os dias.

### **Para se proteger do sofrimento?**

No mesmo escritor há dois: o que sofre uma situação e o outro que olha para ela a pensar: como poderei aproveitar isto para o meu livro. Esta espécie de vampirismo impede um sofrimento maior.

### **Fascínio por Angola?**

Pensei tantas vezes em acabar a minha vida lá. Curioso este fascínio que tenho por Angola, porque dela conheci mais a parte má: a guerra, a morte, a solidão, a minha filha que nasceu e eu longe. Tudo isto deveria levar-me a não gostar de Angola e, no entanto, nunca vi nada tão bonito. As estrelas eram diferentes, os horizontes tão largos. Uma coisa muito importante para mim: fiz uma filha em Malanje. Gostava de ter nacionalidade angolana. Se me fosse dada, aceitava-a imediatamente.

### **Continua a jogar xadrez?**

Desde que o Ernesto (Melo Antunes) morreu não tenho parceiro.

### **Foi um homem singular?**

Inteligente, culto, um homem de coragem, modéstia e retidão, de qualidades raras. Até nisso tive sorte, porque tropecei na vida com pessoas com uma qualidade humana que eu não tenho, o que é muitíssimo mais importante do que fazer bons livros.

### **Costumavam falar de África?**

Já ele estava muito doente quando pela primeira vez falámos de África. Infelizmente não teve tempo para escrever o que seria importante que tivesse escrito sobre todo o processo da descolonização. A ele se devem muitas das coisas positivas da revolução de Abril. Só que se esquecem os mortos depressa.

### **Que é a Pátria?**

Pátria, glória, a bem da Nação, substantivos abstratos em nome dos quais se cometeram barbaridades. Quando as coisas me cheiram a nacionalismo dá-se logo em mim um movimento de repulsa. Mas sinto-me português, o que não me faz vibrar com a seleção nacional.

### **Já não gosta de futebol?**

Gostei de futebol quando era impensável um jogador do Benfica transferir-se para outro clube.

### **Vive a amizade com muito amor?**

Não distingo entre amizade e amor. O Daniel Sampaio quando me escreve termina sempre assim: *Amo-te*. Uma pessoa que esteja de fora poderá pensar: *São maricas*. Também o Zé (Cardoso Pires) telefonava-me e, às vezes, voltava a ligar e dizia: *Pareceu-me que estavas triste, passa-se alguma coisa?* A disponibilidade e a generosidade são a essência do amor.

### **Se algumas coisas da vida se pudessem apagar com uma esponja fá-lo-ia?**

Não sei. Mas... as quantidades de asneiras que fiz! Ter feito sofrer pessoas que o não mereciam. Detesto a minha estupidez e fiz várias coisas estúpidas e grosseiras e disso sinto remorsos.

### **Os homens não são deuses...**

Viver é sempre escrever sem borracha, não se pode emendar o que ficou para trás; se tudo isso pudesse, ao menos, ajudar a emendar o que fica para a frente já não seria mau.

**A narrativa dos seus livros (a meu ver mais nos últimos) cria cenários onde as palavras se aproximam de uma composição sinfónica, seja a nota musical um goivo ou um pingo de anis. A musicalidade das palavras...**

Tem de hipnotizar-se o leitor. Se a frase for musical agarra-se o leitor e consegue-se fixá-lo, deixando-lhe no entanto espaços para respirar. É como que um jogo de sedução, um voo nupcial.

**Ao usar a técnica da frase suspensa é para o leitor entrar no texto com a sua própria imaginação?**

Stevenson dizia: um livro que não tem charme não tem nada. Aos dezoito anos isto parecia-me uma frase idiota, agora compreendo-a. O charme até pode estar nos pequenos defeitos.

**Registos do quotidiano são o melhor perfume do tecido literário?**

Tudo é quotidiano, até o excecional. Tudo tão paradoxal. Não podemos viver sem a rotina e não devemos viver sem o inesperado que transfigura a rotina. Como conseguir-se o equilíbrio entre a rotina de que necessitamos para sobreviver e o inesperado de que precisamos para sonhar? Se vivermos apenas com a rotina e sem o inesperado, a depressão é inevitável; se vivermos apenas com o inesperado, a angústia é enorme e ficamos perdidos por não termos pontos de apoio. Somos criaturas paradoxais.

**Ainda se encontra com livros de Proust ou de Dylan Thomas?**

Com esses e outros autores. Leio mesmo os ditos livros maus. Importa que todas as leituras sejam fonte de conhecimento.

### **Que é um livro mau?**

Talvez aquele que tem a carpintaria toda à mostra, em que se veem os pregos, os arames, o reverso do cenário.

### **Faulkner, por exemplo, sem lhe negar mérito, deixa as costuras muito abertas?**

Mostra a carpintaria toda, enquanto o Hemingway trabalha muito mais por trás, não se vê a técnica, temos o resultado. Mas não pretendo fazer comparações, nem se pode dizer que este ou aquele é melhor do que o outro. São diferentes e ambos porventura necessários. Somos todos diferentes.

### **Já agora, que é um livro bom?**

Um livro tem de ser lido mais de uma vez; numa primeira leitura é opaco como um ovo. Um dia, a propósito de um livro meu, perguntei ao Zé (Cardoso Pires): «Qual é a tua opinião?» Respondeu-me: «Não sei, ainda só li uma vez.» Um livro bom, para mim, é aquele em que se tem a sensação de que foi escrito só para nós.

### **Ao escrever entre si e si não receia estreitar o espaço para o leitor?**

Nunca será um espaço apertado porque quem escreve é muitos. Creio que foi Scott Fitzgerald quem disse: «Não se pode escrever a biografia de um escritor porque ele é muita gente.»

### **Logo, as biografias são sempre incompletas?**

Talvez parciais. Talvez ele estivesse a ser um tanto exagerado ou elitista porque não são os escritores que são muita gente; todos nós

somos muita gente. Somos um encontro entre multidões. Cada um de nós é uma multidão. Felizmente somos vários e tão contraditórios, às vezes quase inimigos, outras vezes cúmplices. Mas esse facto de um ser muitos torna-nos muito mais ricos.

### **A amizade nasce do encontro humano?**

As minhas amizades nasceram sempre de forma instantânea. Ou a corrente passa imediatamente ou nunca irá passar. Se acontece logo, é como se a amizade existisse desde a infância.

### **Acha possível ter muitos amigos?**

Não sei. Essa poderia ser a minha inveja porque sempre tive poucos. Se tivermos três ou quatro amigos já é uma sorte. Depois temos conhecidos ou pessoas que podem ter algum afeto por nós. Mas posso não ter razão nenhuma no que estou a dizer. Com a idade aprende-se como é bom não ter razão.

### **Razão e fé são dúvidas que a idade avoluma ou atenua?**

Com o tempo vamos ficando menos dogmáticos e mais tolerantes. Pelo menos isso aconteceu comigo. Estava cheio de gloriosas certezas aos dezoito anos e agora tenho tão poucas.

### **Uma certeza dos seus dezoito anos?**

Muitas, até porque era eterno; tinha diante de mim uma sólida imortalidade de quarenta anos. Quando se tem dezoito, pensar em mais quarenta anos é uma eternidade.

### **Essa eternidade é hoje desfeita pelo espelho?**

Quando nos perguntam a idade quem se espanta primeiro com a resposta somos nós próprios. Só que por dentro ainda sentimos a

capacidade do inesperado. Continuamos com a sensação de que acabámos de nascer.

### **A imagem do espelho perturba-o?**

Não me perturba, intriga-me. O cabelo deixou de ser loiro e ficou branco. As rugas, a cara que se transformou. Tudo isso me parece um disfarce, eu que vivi até sempre mal com o meu corpo e a minha cara.

### **O mundo onírico da infância que passa também pelos seus livros é, em certa medida, uma forma de atenuar o reflexo do espelho?**

Talvez a vida não seja mais do que a nossa vida de adulto. Talvez seja apenas a infância fermentada. Tenho procurado nos meus livros dar as várias classes sociais e os vários tempos da vida das pessoas (Balzac dizia que o romance é a história privada das nações).

### **Vive o conflito de Deus ou não Deus, fé ou não fé?**

O próprio da fé é ter dúvidas. Sou um homem naturalmente religioso. Tenho sentido mais isso com a passagem do tempo, embora a minha relação com Deus seja conflituosa. Não falo, porém, de nenhuma igreja. As coisas passam-se dentro de mim sem que me interroge muito. Emoções e sentimentos andam cá dentro sem palavras numa circulação quase silenciosa.

### **Como se atinge o cume das palavras?**

Com tanto trabalho e sucessivas hesitações. Nunca se está certo de que seja bom o que se escreve.

### **A busca das palavras pode levá-lo a um clímax de que lhe seja difícil desembaraçar-se?**

Na escrita, se ficamos completamente imersos na emoção não se consegue escrever. Como escrever então de forma a transmitir às pessoas as emoções extremas? É um trabalho curioso. Graham Greene, um homem que fez várias tentativas de suicídio, dizia: *Não compreendo como é que as pessoas que não escrevem conseguem suportar o absurdo da existência*. Isto explica a abundância da sua escrita. Estava claramente a escrever contra a morte.

### **Existe essa dimensão?**

Sim, sim. Escrevemos contra a nossa morte e – ainda mais importante – escrevemos contra a morte das pessoas que são importantes para nós. E conseguirmos rir neste desespero como se houvesse uma janela aberta no meio do sofrimento...

### **Quem o lê mais?**

Surpreende-me a quantidade de jovens, tenho essa avaliação nas sessões de autógrafos.

### **Os jovens interrogam-se sobre valores de identidade tal como a Maria Clara do seu romance ao perguntar-se: Quem sou?**

Uma interrogação que nos acompanhará toda a nossa vida. Terminará quando tivermos a boca cheia de terra ou de coisa nenhuma e mesmo assim não sei porque nunca ninguém voltou para contar, nem os mortos que vivem dentro de nós. Mas nunca gosto de generalizar, juventude, velhos. Somos todos tão diferentes e ao mesmo tempo tão semelhantes.

### **Iguais nas inquietações?**

De contrário, quando ouvimos Beethoven não nos comoveríamos.

### **Beethoven, embora isolado pela surdez, não deixou de criar uma obra universal e ímpar...**

Há um poema de Dylan Thomas com um verso assim: *Ando sozinho numa multidão de amores.*

### **Revê-se nesse verso?**

Todos nós. Por isso ele se tornou quase num ícone.

### **Ainda gostaria de escrever um livro de poemas?**

Já não tenho tempo de aprender poesia. Nem sequer estou seguro de ter aprendido a escrever romance quanto mais poesia.

### **Disse há tempos que pensava escrever só mais dois ou três livros. Porquê esse limite?**

Talvez se nasça com um determinado número de livros dentro de nós e se calhar estou já nesse fim, não sei, mas não é grave.

### **O «noite escura» do título de um seu livro será a noite na qual poderão surgir maiores dúvidas?**

Pareceu-me o título mais adequado ao livro. Scott Fitzgerald diz que *na noite mais escura da alma são sempre três horas da manhã.*

### **São reais os conflitos que se dizem existir entre si e Saramago enquanto escritores?**

Há pessoas de quem se gosta e outras que nos são indiferentes. Não vamos perder tempo com isso. Não desejo mal a ninguém.

### **Não tem quaisquer conflitos consigo mesmo?**

Tenho uma relação conflitual comigo próprio. Recordo Torga ao dizer assim: *Quanto me apetecia agora ser alguém que não pensasse nem sentisse, alguém que visse padecer e não visse.*

### **Torga que nos diz também: *Esperança tão fiel lhe fui a vida inteira...* É um homem de esperança?**

Se não fosse já me teria suicidado, um pensamento que sempre me esteve próximo.

**O suicídio não choca o sentimento de religiosidade que há em si?**

Talvez o segredo seja estar-se preparado para morrer agora ou para viver mais mil anos. Gostaria de alcançar esse segredo.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*